

**QUEM DERA SER UM PEIXE:
Entre a tática e a estratégia**

Leonardo Vasconcelos de Araújo¹

Resumo

Trabalhando com os conceitos de “tática” e de “estratégia” trazidos por Certeau, este artigo tenta situar a prática comunicativa do Quem dera ser um peixe (QDSP), tomando como hipótese que ela se encontra na fronteira entre as duas categorias. Para tanto, descreveremos tal *práxis*, enfocando os usos que o movimento faz das redes sociais, especialmente o *Facebook*. Além disso, baseado na Teoria da Mobilização Política, no conceito goffmaniano de *frame* e na proposta de Prudencio e Silva Jr. (2014) tentaremos compreender como se dá a comunicação do movimento com respeito a questões que elege como pauta.

Palavras-chave: Estratégia; Tática; Internet; Frame; Movimento Social.

1 Introdução

Em 2009, o governo do Estado do Ceará anunciou a construção do “Acuario Ceará”, o maior oceanário da América Latina. No entanto, as diversas incongruências e contradições ligadas ao empreendimento, as quais foram se tornando mais evidentes à medida que os preparativos para sua concretização avançavam, geraram uma boa dose de revolta e insatisfação, sentimento que levou algumas pessoas a atuar coletivamente, a fim de se contrapor à obra.

A fagulha que pôs as coisas em ação foi o compartilhamento, através do Facebook, de uma foto do local de construção do Acuario, tirada por um morador da Praia de Iracema, bairro turístico que iria receber o equipamento. À postagem da foto, seguiu-se, na

¹ Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: rainndogg@gmail.com

própria rede social, um debate acalorado sobre o empreendimento. Foi o impulso que faltava para que o desejo de resistir fosse mobilizado.

A extensa investigação dos detalhes técnicos e das manobras burocráticas permitiu a descoberta de uma quantidade enorme de ilegalidades, as quais eram publicizadas pelo movimento por meio das plataformas virtuais por ele utilizadas, as quais, além do *Facebook*, incluem, entre outros, um blog, o site *Youtube* e a rede social *Twitter*. Especialmente no *Facebook*, o tratamento comunicacional dessas informações era feito por meio da utilização de *memes*², infográficos, vídeos, *posts* veiculando notícias apuradas pelos integrantes do QDSP e até mesmo notícias produzidas pela imprensa corporativa. Além disso, desde o início essa rede social tem servido de espaço de interação entre o movimento e os integrantes de sua comunidade virtual.

Dessa forma, baseado na Teoria da Mobilização Política, no conceito goffmaniano de *frame* e na proposta teórico-metodológica oferecida por Prudencio e Silva Jr. (2014) para a observação e análise de micromobilizações na Internet, tentaremos compreender como se dá a comunicação política da visão do movimento sobre algumas das questões que ele elege como pauta, ponto essencial para entender sua prática comunicativa. Isso será feito a partir da análise de uma interação, na *fan page* “Peixuxa Acquario”, por ocasião da publicação de um infográfico criticando os gastos com a obra, entre o QDSP e um interlocutor favorável ao empreendimento.

2 Mobilização como processo comunicacional: *fan page* “Peixuxa Acquario” no *Facebook*

Snow & Benford (2000) apontam que a estruturação dos *frames* de ação coletiva dependem do entendimento, sempre negociado, a respeito de se uma situação é ou não problemática e da possibilidade de mobilização para ocasionar uma mudança de cenário. Dependem também de como os atores em processo de interação mapeiam aliados e

² É uma ideia propagada pela Internet que assume a forma de um hiperlink, vídeo, imagem, website, hashtag, uma palavra ou uma frase, podendo ser compartilhada através das redes sociais. (Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_%28Internet%29>. Acesso em 14 de fevereiro de 2015)

dificuldades e de como articulam medidas alternativas para a mudança e estimulam indivíduos à alcançá-la. Da leitura do trabalho de Snow & Benford citado acima, Prudencio e Silva Jr. chegam à conclusão de que as articulações nos processos de constituição de *frames* discursivos entre ativistas, ao promoverem o alinhamento de diferentes quadros interpretativos:

possibilitam a emergência dos quadros da ação coletiva, primeiro entre os próprios atores do movimento e depois, já numa situação de mobilização política, entre o movimento e possíveis apoiadores que poderão ou não assumir para si as questões do movimento na forma em que elas lhes aparecem enquadradas (p. 6, 2014).

Nesse sentido, o conceito de alinhamento de *frame* ganha força no novo contexto de mobilização política proporcionada pela internet e pelas novas formas de interação global à distância. Para Tarrow, citado por Gohn (2012), os maiores recursos externos, ou seja, aqueles que preexistem à ação dos indivíduos no grupo, de um movimento são suas redes sociais, onde as ações coletivas se desenvolvem, e também os símbolos culturais e ideológicos que dão forma aos *frames*.

Para analisar os resultados da aplicação do método de alinhamento de mobilização de quadros escolhemos um post da *fan page* “Peixuxa Acuario” no dia 24 de abril de 2012, por conter um longo debate, com pontos de vista divergentes, entre o movimento e um ator externo a ele. A ideia é, baseado no conceito de alinhamento de quadros, observar de que forma, por meio desse exemplo de mobilização, o movimento comunica suas ideias e pontos de vista àqueles que demonstram uma posição contrária a sua, bem como analisar suas ferramentas de mobilização.

A ferramenta usada pelo QDSP para encetar o debate foi um infográfico, questionando o real valor da obra.

Por quanto sairá o acquário?



Existe a possibilidade do preço aquário chegar a 400, 500 milhões?

Sim. Existe.

Fonte: Quem dera ser um peixe

Logo em seguida iniciou-se um intenso diálogo entre diversos debatedores. Para efeito de análise escolhemos, de um lado, o debatedor D, que se mostra favorável à construção do Acquário, sob o argumento de que ele poderá trazer diversos benefícios à cidade; e de outros dois debatedores representando a opinião do movimento, os quais sintetizarei por QDSP, já que suas posições são convergentes, fazendo parte de uma mesma moldura de sentido. Vejamos inicialmente a fala de D:

Caros, acho que a pergunta não deveria ser quanto se vai gastar com o aquário, mas quanto se pode ganhar com a construção dessa obra. Não apenas no sentido financeiro, mas educacional e cultural também. Qual o problema de se gastar 500 mi se o lucro for 1bi? O oceanário de Lisboa é um excelente exemplo. Sugiro que vocês se informem do que era o Parque das Nações antes e no que se tornou depois da Expo 98 e o papel do Oceanário Vasco da Gama nessa transformação. Triste é vivermos em uma cidade litorânea em que o único proveito que se tira do mar é comer peixe e camarão na beira da praia.

Através de um processo de alinhamento de quadros, D procura mobilizar QDSP por meio do quadro “lucros”. Em resposta aos argumentos de D, QDSP afirma:

Não, D. O dinheiro é público não pode ser administrado como saco sem fundo. Precisa ter seriedade no uso. (sic)

E continua mais à frente:

Acontece, D, que não tem um só estudo de viabilidade econômica. Todos os numero citados atpe hoje, foi pirotecna numérica. Quem diz isso não somos apenas nós. Todos os ministérios tem feito esse questionamento desde 2009 e nunca foi respondido. Quem diz que a obra nao tem plano de negocios é o proprio secretario. Fácil fazer investimento arrojado, quando a verba é pública. Pq será que nenhuma empresa privada topou fazer essa obra? Bota pros lascados cearenses, que tem um bocado de gente que vai cair nessa. (sic)

Em outro comentário QDSP diz:

Vamos dizer que não existisse nenhuma empresa no mundo capaz de fazer acquario. O governo poderia mostrar sua lisura comprovando isso, contratando uma auditoria independente, oferecendo toda a documentação que o Ministério Público e a sociedade solicitassem. Isso não está ocorrendo. Ao contrário, colocaram no contrato uma clausula de confidencialidade. Confidencialidade no uso do dinheiro público... Aham... (sic)

Ainda em resposta ao comentário de D:

essa clausula de confidenciabilidade é absolutamente ilegal. Bate de frente com a legislação brasileira. Mais uma das inumeras irregularidades... (sic)

QDSP questiona, em resumo, o gasto público, tanto pela falta de estudos técnicos que demonstrem a viabilidade econômica do projeto, quanto pela ausência de transparência com os gastos já efetuados e a se efetuarem. QDSP procurar mobilizar D através do quadro “responsabilidade com os gastos públicos”. O principal argumento que QDSP expõe contra o oceanário na discussão é a ausência de dados técnicos que comprovem a viabilidade econômica do empreendimento. A ação de QDSP (postagem de um infográfico questionando os gastos com o oceanário) foi motivada não por uma oportunidade, mas por uma restrição política, já que não houve, por parte do Governo do Estado, qualquer abertura para o diálogo com a sociedade civil.

No caso em análise temos, portanto, uma clara oposição entre dois enquadramentos - de um lado, “lucro”, e de outro, “responsabilidade com os gastos públicos”. A argumentação continua com a resposta de D ao questionamento de QDSP sobre a ausência de um plano de viabilidade econômica:

Caros, qualquer estudo de viabilidade econômica é baseado em projeções, que podem ou não se confirmar. Se houvesse como ter 100% de certeza de quão lucrativo um pve será, todo consultor colocaria um negócio para si, em vez de elaborá-los. Além disso, não estamos falando do primeiro oceanário a ser construído no mudo, mas de um empreendimento que se espelha em outras experiências bem-sucedidas (com investimento público). Ps: se alguém pensar em argumentar que este dinheiro poderia ir para a Saúde e para a Educação, por favor, leia a Constituição antes.

Ao que QDSP por sua vez responde:

Ah! Você é contra planejamento...

E em seguida:

Esse apelo genérico à Constituição deveria ter precisão. Esses recursos não estavam rubricados e nem previstos no orçamento.

Por fim, QDSP afirma:

NÃO HÁ estudos, D. Projeções aceitas são as que usam dados como base. Projeções sem base é adivinhação, cartomancia, quiromancia e ciências ocultas. Com o dinheiro dos outros é fácil. (sic)

D então contra-argumenta:

Sem distorções. Claro que sou a favor de fazer as coisas de forma planejada. De todo modo, eu gostaria de ver, por exemplo, o PVE da Torre Eiffel, o monumento mais inútil e, ao mesmo tempo, visitado do mundo (repito: do mundo). Ou da Basílica de São Pedro; da Praça de São Marcos, em Veneza; ou do Portão de Brandenburgo, em Berlim. Se você for a qualquer um desses lugares, em qualquer época do ano, vai ter um sem-número de turistas de todas as línguas não só tirando fotos, mas também gerando renda e emprego. Um visitante qualificado, e não os os subempregados que se valem do câmbio favorável para vir se aproveitar de mulheres, crianças e adolescentes, como acontece na nossa cidade.

O argumento que QDSP utilizou, a seguir, merece destaque, por ter provocado em D uma aproximação do enquadramento defendido pelo movimento, demonstrando que a estratégia argumentativa de QDSP estava começando a surtir efeito. Vejamos:

D, o que vc tem a dizer sobre o prejuízo de bilhões que a Eurodisney sofreu?
Como está a saúde financeira do Sea World?

O que provocou a seguinte resposta de D:

Menos mal você não se opor à construção do aquário, e, sim, à falta de planejamento. Já é um avanço, parabéns.

Se antes D não considerava a falta de planejamento um problema, desde que, no final das contas, o negócio se mostrasse lucrativo, depois da argumentação de QDSP, ele passa a admitir que a falta de planejamento é um ponto relevante, ao parabenizar o fato de o movimento não se opor ao oceanário em si, mas ao modo como sua construção está sendo conduzida. QDSP então critica a falta de conhecimento de D sobre o movimento:

Você está mal informado: o movimento tem diferentes posições. Existe pessoas que são favor de aquários (sic).

E prossegue:

Mas todos são contra a ausência de licitação, ao Eia-RIMA fajuto, ao tamanho do gasto.

A próxima fala de QDSP vai colocar ainda mais em questão o enquadramento de D, quando se detém de maneira mais acurada a citar exemplos similares ao Aquário Ceará e que acabaram por gerar um enorme prejuízo.

D, o que dizer dos dados do oceanário de Lisboa que em TRES anos lucrou apenas 3,8 milhões de euros. Acumulado de TRES ANOS, frise-se (que convertido em real dá menos de 10 milhões de reais)? Isso não cobre nem metade dos custos anuais descrito em torno de 20 milhões. O que dizer quando o oceanário de Lisboa tenha recebido MENOS de 1 milhão de pessoas em 2011? É mal negócio para tamanho custo, meu caro. Sabe pq o governo não faz esse cálculo? Pq não quer assumir publicamente que é um péssimo negócio.

E continua:

e é pertinente sim, falar de falta de prioridade. Esse empréstimo vai comprometer o poder de endividamento do estado, o que limitará recursos para todas as áreas. EMPRESTIMO vai ser pago, um dia. E a fonte é a mesma: cofres públicos.

Confrontado com números concretos sobre a incapacidade de o oceanário de Lisboa – lembremos que este havia sido citado anteriormente por D como um exemplo de sucesso - conseguir pagar ao menos seus custos operacionais, D não os contesta, apesar de desafiarem frontalmente sua posição inicial. Ao invés disso, em uma revisão explícita do quadro assumido por ele, D parece agora concordar com o QDSP que o aquário lisboeta efetivamente não tem gerado lucros, embora repete esse fato à crise europeia e não ao empreendimento em si.

Amigos, não é somente o Oceanário que está em crise, mas toda a Europa. Se estivesse dando lucro, seria uma confirmação da pouca inteligência portuguesa: preferir ver peixe a se alimentar.

Logo em seguida, ele encerra o diálogo:

Vou ficando por aqui, foi um prazer conversar com vocês. Abraço,

O QDSP ainda critica mais uma vez o modelo de negócios desses grandes oceanários,

É... eles estão tendo que pagar dívidas absurdas que fizeram... E a gente querendo imitar o que eles fizeram.... E dizendo que isso é modelo de sucesso...

E encerra agradecendo a participação de D e mostrando-se aberto ao diálogo:

Abraço, D. Seus questionamentos foram pertinentes. Dialoguemos.

3 Entre a tática e a estratégia

Certeau (1994) traz as categorias acima, as quais também podem ser utilizadas para compreender os usos da Internet como práticas de resistência, no âmbito do consumo dos bens culturais e dos diversos usos, muitas vezes imprevistos, que as pessoas fazem deles. Nesse contexto, a estratégia seria concebida como possuindo um lugar próprio, manifestando-se fisicamente por esses lugares de operação, a fim de expressar ou sancionar a ordem dominante. Entidade que se constitui como uma autoridade, engajada no trabalho de sistematizar, possuindo uma estrutura de elaboração pré-determinada e, além

do mais, exigindo um dispêndio de tempo e de espaço que a tornaria pouco afeito a mudanças e readequações. Nas palavras de Certeau,

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). (p. 99, 1994)

A tática, por outro lado, por não possuir um lugar próprio, age dentro do campo do inimigo, permitindo ações rápidas que visam responder necessidades dinâmicas. Opera na ordem do contingente, do fragmentário, sendo capaz de responder a uma necessidade de maneira ágil e flexível. Baseada no improviso, uma tática se infiltra, existe nas brechas, nas rachaduras do sistema, se reagrupa para responder as oportunidades que identifica. Ainda de acordo com Certeau,

(...) chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza uma lei de uma força estranha. Não tem meio para si manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Büllow, e no espaço por ele controlado. (p. 100, 1994)

Para o autor, a tática não tem capacidade de se colocar em movimento por conta própria, muito menos dirigir-se a realização de um projeto global, atuando “golpe a golpe”, astuciosamente, à mercê das oportunidades que vão surgindo e sem conseguir jamais criá-las. Diferentemente da estratégia, a tática é míope, realizando-se na distância do embate corpo a corpo, sendo determinada por uma ausência de poder. Ela “se introduz, por surpresa, numa ordem” (CERTEAU, 1994).

Dessa forma, não seria exagerado dizer que a Internet constitui-se um espaço em disputa, caracterizando-se como uma esfera pública interconectada que possibilita novas maneiras de participação e mobilização política da sociedade civil, a exemplo dos movimentos sociais que a vem utilizando como mídia privilegiada desde meados da década

de 90, com o movimento zapatista em Chiapas. Além disso, seu modelo de funcionamento horizontal, onde a comunicação se dá no mesmo nível, de indivíduo para indivíduo, possibilitando a cada usuário uma posição ativa na construção independente de significados, tem servido para o surgimento de uma nova cultura política e uma demanda crescente de participação social nas esferas do poder, cada vez mais isoladas e esvaziadas de sentido, a ponto de vários autores afirmarem que estamos vivendo em um período crise de representatividade.

Se a estratégia, como diz Certeau, postula um lugar que pode ser circunscrito como algo próprio, de onde se podem “gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças” (p. 99, 1994), é certo dizer que para o QDSP tal lugar é a Internet e suas redes de colaboração e comunidades virtuais. É dali que, no âmbito da comunicação, partem a maioria das ações do movimento, servindo, além disso, de espaço de articulação e de mediação entre o QDSP e seus interlocutores, sejam eles a favor ou contra o empreendimento governamental. Pelo panorama da prática comunicativa do movimento traçado no tópico 3, podemos observar que cada nova informação, cada nova notícia, seja através de infográficos, de memes, do “Plantão Glub Glub”, serve como uma ação dentro de um projeto mais amplo, cuja intenção é a de se instituir como força relevante no campo de produção de sentido, em uma disputa contra o discurso governamental e a mídia corporativa. “Guerrilha da informação”, como ressaltou A.S, integrante do QDSP. Para esse confronto, várias são as estratégias colocadas em prática, as quais incluem campanhas de comunicação, investigação aprofundada dos indícios de ilegalidade, a preocupação em se legitimar enquanto produtor de, a decodificação das informações colhidas. Também faz parte da prática comunicativa do movimento, a abertura ao diálogo que estabelece com seus interlocutores.

Vimos, pela análise da interação entre o QDSP e um interlocutor, como se dá a estratégia de mobilização do movimento no Facebook. Uma de suas principais armas, como destacou A.S. numa das reuniões em que estivemos presente, é a investigação, a pesquisa e a busca por informações. Isso fica claro pela maneira como o QDSP responde às

provocações de D, afastando-se dos lugares comuns e opiniões irrefletidas, fazendo uso de documentos, de estudos técnicos e de leis, para embasar sua posição frente ao Acquario Ceará, até o ponto de conseguir fazer com que, ao final do diálogo, D esteja alinhado ao frame do movimento. Tal modo de agir está inserido não dentro de um protocolo de ações, pois o movimento é bastante fluído e goza de uma boa margem para revisões e readequações, sendo melhor entendido como um pressuposto que orienta toda a atividade do QDSP: informar-se e informar.

Por adotar a Internet como um território privilegiado em seu ativismo contra o Acquario Ceará e a cultura política da qual é fruto, valendo-se para tanto das inúmeras ferramentas comunicativas ali presentes de maneira pensada, sistemática, organizada e finalística, identificando “inimigos” e delineando arquiteturas de ação para a obtenção de resultados, o QDSP constitui-se, pelo menos no espaço livre da Rede, como um agente em pé de igualdade com os atores institucionais contra os quais se opõe.

Mas definir a prática comunicativa do QDSP com base somente na categoria “estratégia” seria contar apenas parte da história. Além desse modo de atuar, o movimento também se vale da tática em suas ações. No “A Invenção do Cotidiano” (1994), Certeau refere-se à tática como a “arte do fraco”, utilizando “vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário” (p. 101). A astúcia para se aproveitar dessas brechas, para colocar-se nos interstícios do poder institucional e ali fazer abrigo, capitalizando suas falhas, é uma dos traços mais marcantes do QDSP. Tivesse o oceanário sido construído de acordo com os trâmites legais, incluindo apresentações do projeto e discussões com a população de Fortaleza para melhor adequá-lo às demandas locais, mesmo que, do ponto de vista conjuntural, pudesse haver críticas a ele, seria muito difícil para o movimento resistir, criando, por conta própria, oportunidades de incidência política em desfavor do Acquario. Ao invés disso, o movimento se aproveitou das inúmeras inconsistências, técnicas e políticas, do projeto, para, a um só tempo, causar constrangimento ao Governo do Ceará, denunciá-lo junto aos órgãos de fiscalização e

mobilizar a sociedade civil contra o empreendimento e todo o arcaísmo político que, segundo o movimento, ele representa.

4 Considerações Finais

Ao longo do artigo, nos referimos ao QDSP como movimento, mas talvez essa nem seja a melhor definição para ele, embora por questão de pertinência temática e de espaço não tenhamos podido tocar nesse ponto. Também não pudemos dar maiores detalhes das características que tornam o QDSP ao mesmo tão peculiar e tão arisco a categorizações estanques. O mesmo vale quando se vai tentar definir a natureza de sua prática comunicativa, objeto deste trabalho. Apesar das dificuldades que se impõem quando tentamos nos acercar conceitualmente dos fenômenos sociais - sempre mutáveis, dinâmicos, complexos e imprevisíveis - é necessário não se furtar à realização dessa tarefa. Parte desse trabalho também é refletir sobre categorias já existentes e a possibilidade de sua aplicação a novos fatos sociais, os quais continuam a surgir a todo momento e sempre com outras nuances, exigindo do pesquisador a disposição constante de rever seus pontos de vista e lugares de segurança. Desse modo, longe de ser um mero exercício formal, compreender a prática comunicativa do QDSP, com base nos conceitos cereteunianos discutidos, tem o potencial de servir de apoio a uma compreensão mais acurada do tipo de trabalho desenvolvido pelo movimento, bem como de sua intencionalidade e capacidade de produzir novas experiências de ativismo, além de tentar oferecer alguma contribuição a certas indefinições terminológicas presentes na literatura sobre movimentos sociais.

Referências bibliográficas

- BENFORD, Robert D.; SNOW, David A. **Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment**. Annual Review of Sociology, v. 26, 2000, pp. 611-639.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GOFFMAN, E. **Frame analysis**. New York: Harper, 1974.

- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Loyola, 2012.
- GOMES, Wilson. **Participação política online: questões e hipóteses.** In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M.; MARQUES, Francisco J. A. (orgs.). **Internet e participação política no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MAIA, Rousiley Celi Moreira. **Internet e esfera civil: limites e alcances da participação política.** In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M.; MARQUES, Francisco J. A. (Orgs.). **Internet e participação política no Brasil.** Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. **Enquadramento – diferentes operacionalizações analíticas de um conceito.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, n. 79, pp. 187-234.
- NUNES, Jordão Horta. **A teoria do frame e a análise dos novos movimentos sociais.** In: 35º Encontro Nacional da ANPOCS, Caxambu (MG), Out. 2011.
- PRUDENCIO, Kelly Cristina de Souza. **Mobilizar é comunicar estruturas interpretativas: apontamentos para discussão e pesquisa sobre a comunicação dos atores coletivos.** In: 21º Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora (MG), Jun. 2012.
- PRUDÊNCIO, Kelly Cristina de Souza; SILVA JÚNIOR, José Geraldo. **A comunicação política das micromobilizações na internet: uma proposta metodológica a partir da observação do hip hop em Curitiba.** In: 23º Encontro Anual da Compós, Belém (PA), Maio 2014.
- SNOW, David A.; ROCHFORD, E. Burke; WORDEN, Steven K.; BENFORD, Robert D.. **Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation.** American Sociological Review, v.51, n. 4, 1986, pp. 464-481.
- TARROW, Sidney. **Power in Movement: Social Movements and Contentious Politics.** New York: Cambridge University Press, 2011.